

Lemann quer formar futuros ministros do país

Fundação do dono da Ambev financiará profissionais interessados em pesquisar formas inovadoras de pensar o ensino no país

Regiane de Oliveira

roliveira@brasileconomico.com.br

É consenso que o Brasil precisa de bons engenheiros, cientistas, economistas, médicos, em suma, mais cérebros para colocar em prática novos projetos para o desenvolvimento do país. Para a Fundação Lemann, no entanto, a urgência destes profissionais está não só em suas áreas tradicionais de trabalho, mas especialmente para acelerar as transformações da educação no Brasil. É pensando nisso que a fundação criada pelo empresário Jorge Paulo Lemann, um dos controladores da Ambev e na invejada posição de segundo homem mais rico do país, atrás apenas do empresário Eike Batista, segundo a revista Forbes, vai inaugurar no próximo ano o primeiro centro internacional de estudos dedicado à educação brasileira, na universidade americana Stanford. “A ideia é formar uma nova geração de profissionais da educação no país e incentivar a pesquisa de políticas inovadoras, que nos façam avançar mais rápido”, afirma Denis Mizne, diretor executivo da Fundação Lemann. “Serão os secretários e ministros de educação do futuro”, ressalta o brasileiro Paulo Blikstein, engenheiro e especialista de educação, que juntamente com o professor Eric Bettinger, Martin Carnoy e David Plank, especialistas em políticas de educação em países da América Latina, vai coordenar o Centro Lemann para o Empreendedorismo e Inovação na Educação Brasileira.

O objetivo é oferecer bolsas de estudos de pós-graduação para apoiar a formação de professores e também de interessados em pesquisar e desenvolver políticas inovadoras para educação do país. O desafio não é simples. “Discutimos muito o que fazer na educação básica, e é claro que ela é importante. Mas temos que pensar o que fazer depois do básico. O Brasil é um dos últimos países em número de patentes per capita e um jeito de melhorar este indicador é ter uma educação que forme pessoas que coloquem ideias em prática”, diz Blikstein.

Pesquisadores contestam a ideia de importar projetos de ensino de prateleira, mesmo que testados com sucesso em outros países

Os pesquisadores querem trazer à tona uma questão ainda pouco discutida no país: projetos de ensino de prateleira, mesmo que testados com sucesso em outros países, dificilmente terão o mesmo resultado no Brasil. Por isso, não adianta importar modelos. “Inovação na área educacional é algo que falta em todo mundo. Isto porque ainda temos que mudar a mentalidade de que se pode resolver os problemas do ensino com uma só solução”, explica Carnoy. Para ele, é da interdisciplinaridade de onde sairão as soluções. “É uma vergonha o país de Paulo Freire, um educador conhecido mundialmente, ter um ensino ruim. Ele não gostaria que ficassemos só debatendo suas ideias, temos de criar ideias novas”, avalia Blikstein.

Mas uma das dificuldades em inovar na área educacional é exatamente a dificuldade de testar modelos. “É um tipo de pesquisa difícil, pois não se pode fazer experimentações, temos que criar novos métodos para avaliar de forma rigorosa se determinados modelos estão dando certo”, ressalta. Por isso, é importante que o investimento no centro seja de longo prazo. “Em dez anos poderemos fazer muita coisa boa”, ressalta Carnoy, em relação ao prazo de financiamento do centro assinado pela Fundação Lemann com Stanford.

Bolsas

A fundação já conta com o programa de bolsas Lemann Fellowship, que busca contribuir para a formação de capital humano qualificado em áreas cruciais para o desenvolvimento do Brasil. No período letivo 2011-2012, 27 estudantes estão recebendo bolsas de estudos para estudar em Harvard, Columbia, Stanford, Illinois e Yale. Além de bolsas do programa Brazilian Scholars, voltado para alunos de graduação que já mostram vocação acadêmica e estudam literatura, história e ecologia. Desde 2006, o programa contou com 72 bolsistas de pós-graduação. ■



Universidade americana Stanford receberá primeiro centro internacional de estudos dedicado à educação brasileira

PONTO FRACO



Cooperação internacional ainda falha no Brasil

Ocorre mundialmente um processo de intensificação da cooperação entre universidades e empresas para atuação conjunta na área de pesquisa. O Brasil tem mostrado indicadores dúbios quanto ao tema, alguns positivos, outros nem tanto. Relatório recente da britânica Royal Society, por exemplo, aponta que o país tem se tornado uma potência científica. Contudo, mostra também que de 1996 para 2008,

o Brasil viu reduzir de 35% para 27% a realização de artigos em coautoria com pesquisadores estrangeiros. “É relevante observarmos este dado porque a tendência é contrária ao que se vê em outros países”, diz o diretor da Fapesp, Carlos Henrique de Brito da Cruz. Na Alemanha, o índice passou de 32% para 47% no mesmo período de comparação, enquanto na Itália, a alta foi de 27% para 40%. **Claudia Bredarioli**

BOLSISTAS

27

Estudantes recebem bolsas para estudar em Harvard, Columbia, Stanford, Illinois e Yale.

HISTÓRICO

72

Número de bolsistas de pós-graduação com os quais programa contou desde 2006.



A educação quer você!

Fundação programa criar rede integrada de profissionais

Disputar os melhores cérebros para a educação, em um momento que oportunidades se abrem em várias áreas não é uma tarefa fácil. Mas a Fundação Lemann está criando formas de garantir que a educação é uma opção atraente. A começar pelo fato de que, para atrair os melhores, dinheiro não será problema, garante Denis Mizne, diretor executivo da entidade. As bolsas são integrais e a fundação não tem um orçamento fixo para os investimentos. O Centro Lemann em Stanford também quer ir além do oferecimento de bolsas e funcionar como um "hub" para identificar e intermediar parcerias entre entidades públicas e privadas em prol da educação no Brasil. "Vamos criar uma rede, a partir dos próprios alunos, ampliando os projetos", conta Mizne. E esta rede vai acompanhar inclusive a recolocação dos alunos no mercado brasileiro. Não há contrato obrigando que o aluno volte ao país após os cursos. Mas aposta-se "pressão moral". "Queremos pessoas comprometidas com a transformação do Brasil", diz

ENTREVISTA PAULO BLIKSTEIN Engenheiro e professor de Stanford

Engenheiro precisaria ser educador

Quem conseguir combinar formação técnica com formação em educação terá vantagens

O engenheiro brasileiro, formado pela Poli-USP, com doutorado pelo MIT e, atualmente, professor de Stanford, afirma que o país ainda carece de entendimento sobre o que é a pesquisa em educação. E que a área é uma das mais ricas em oportunidades de carreira e negócios.

Qual o perfil de alunos que vocês esperam atrair para o novo centro de pesquisas?

Nós esperamos atrair gente que queira ajudar o Brasil a enfrentar o seu maior desafio: a educação. É ela que vai definir quanto vai durar a atual onda de crescimento e se seremos um país

mais justo. Se um jovem quer ajudar a mudar o mundo, eu recomendo começar pela educação. As escolas de educação americanas são diferentes da tradição brasileira, há muito mais espaço para pesquisa interdisciplinar. Portanto, não precisa ser aluno de pedagogia, aliás, a maioria dos alunos da escola de educação de Stanford não fez pedagogia. Queremos os alunos de educação, engenharia, medicina, economia, sociologia... Acreditamos que um time desses, com talentos em várias áreas, terá um grande impacto no Brasil nos próximos dez anos.

A ideia do centro de estudos é atrair mais "cérebros" para a área de educação. Quais são as principais oportunidades

Divulgação



Educação é cada vez mais vista como um tema interdisciplinar e menos como uma disciplina de "humanas"

que você vê hoje no mercado brasileiro para profissionais que desejam investir em uma carreira em educação?

A educação é um campo de pesquisa e uma indústria explosiva. Nos EUA, são 6% do PIB. Nós vamos dar bolsas de mestrado, doutorado, pesquisador visitante e MBA. Há uma série de possibilidades interessantes. Com o doutorado você pode tornar-se pesquisador em faculdades de educação, economia, administração ou engenharia, mas muita gente vai trabalhar no Banco Mundial, na ONU, ou no governo — esperamos que muitos se tornem secretários de educação e ministros. Há o mercado de fundações, que estão se profissionalizando cada vez mais, e preci-

sam diretores e CEOs que entendam de educação. Há a área de desenvolvimento de novas tecnologias, software, hardware, games, e também a área de criação e gestão de novos negócios educacionais.

É possível convencer um engenheiro, na atual conjuntura, a mudar de área e investir em educação?

Tenho certeza de que sim. Eu mesmo sou engenheiro, me formei na Poli-USP, e mudei de área. Em primeiro lugar, há muito espaço para você trabalhar como engenheiro, projetando produtos tecnológicos para educação. Quem conseguir combinar a formação técnica com a formação em educação vai ter uma vantagem enorme. ■ R.O.

Em alta, Brasil tenta entrar na rota global do conhecimento

A inserção de empresas brasileiras no contexto internacional amplia o interesse de pesquisadores pelo país

Claudia Bredarioli

cbredarioli@brasileconomico.com.br

Daqui a cinco anos, a IBM planeja ter 150 doutores em atuação no seu primeiro centro de pesquisa do hemisfério sul, inaugurado este ano no Brasil. Conta, para isso, com a capacidade do país em formar profissionais com esse nível de excelência. A companhia investe pesado para ampliar o conhecimento científico e também a quantidade de prêmios Nobel que tem recebido em consequência do desenvolvimento de pesquisa. São US\$ 6 bilhões anuais e cerca de 3 mil pesquisadores atuando em cinco países que, no ano passado, resultaram em 6 mil patentes só nos Estados Unidos.

“Um dos argumentos que utilizamos no processo de concorrência para trazer para o Brasil o centro de pesquisa foi a capacidade de o país formar doutores”, diz Cláudio Pinhanez, PhD do Laboratório de Serviços de Tecnologia da Informação da IBM Brasil. O pontapé inicial do funcionamento do laboratório foi dado com a repatriação de brasileiros que estavam trabalhando em outros centros de pesquisa da empresa no mundo – pelo fato de eles reunirem tanto a experiência de atuação na companhia quanto o conhecimento do país. “O que é novo hoje é que aqueles que saem para fazer doutorado fora do Brasil agora voltam e encontram oportunidade no mercado de trabalho”, afirma Pinhanez.

A conjuntura para casos assim se tornarem cada vez mais comuns no Brasil tem sido dada pelo aumento da maturidade das universidades em trabalhar lado a lado com a iniciativa privada que, por sua vez, tem ampliado os investimentos em pesquisa e desenvolvimento no Brasil. E recentemente ganhou também um incentivo por parte do próprio governo federal – que lançou o programa Ciências Sem Fronteiras, com o objetivo de distribuir até 100 mil bolsas de estudos fora do país.

Mas, por mais que o cenário esteja em transformação, Luiz Valcov Loureiro, diretor executivo da Fulbright no Brasil, aponta que o país ainda está longe de ter uma participação contundente no trânsito internacional de geração de conhecimento. Ele cita, por exemplo, que dentre os estudantes de pós-graduação estrangeiros nos Estados Unidos, 130 mil são chineses, 100 mil são indianos, 70 mil são coreanos, 30 mil são canadenses, 25

Atualmente, o Brasil soma 8700 pós-graduandos, atrás de países como Vietnã e Nepal. Só a participação de chineses cresceu 30% de 2009 para 2010

mil são japoneses. O Brasil soma 8700 pós-graduandos, atrás de países como Vietnã e Nepal. Só a participação de chineses cresceu 30% de 2009 para 2010. “Isso, contudo, começa a mudar. Vemos que tem aumentado a procura por bolsistas da Fulbright para trabalhar nos escritórios brasileiros e até mesmo os americanos vêm se candidatando”, diz Loureiro.

“Há um desafio latente ao sistema de pesquisa brasileiro que é o de intensificar a cooperação internacional”, completa Carlos Henrique de Brito da Cruz, diretor da Fapesp, que concorda que há a necessidade da construção do conhecimento ser colaborativa e produzida globalmente. “É preciso pensar em pesquisa e desenvolvimento para formar pessoas para atuar nas empresas no Brasil”, afirma. Juliana Salles, PhD da Microsoft Research Connections, ratifica essa posição. “A Microsoft percebe que a pesquisa em computação permite avanço em várias outras áreas e incentiva o contexto multidisciplinar e global da pesquisa”.

A inserção das companhias instaladas no Brasil no contexto global de pesquisa dessas organizações é outro fator determinante para que mais empresas aprimorem seus quadros de pesquisadores. “É essencial que nossos pesquisadores saiam do Brasil assim como que os estrangeiros venham para cá”, diz Patricia Pietro, gerente de captação de talentos da Monsanto. ■

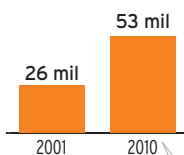


IBM: aposta em pesquisa tem rendido prêmios, doutores e patentes

DOUTORES BRASILEIROS

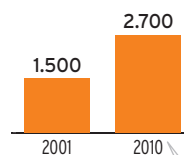
Calcula-se que o país teria de formar ao menos 20 mil doutores por ano

PAÍS DOBROU NÚMERO DE FORMADOS EM DOUTORADO EM 10 ANOS



No ano passado, 12 mil receberam o título de doutor e 41 mil, o de mestre

HOUE AUMENTO DOS CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO



São 1.500 programas de mestrado ou doutorado nas universidades federais

O INVESTIMENTO FICOU AQUÉM DO ESPERADO

PREVISÃO ERA QUE GASTOS EM PESQUISA SOMASSEM

1,5% do PIB

EM 2010, MAS NÃO ULTRAPASSARAM

1,25%

INVESTIMENTO PESADO US\$ 6 bilhões

É o volume anual destinado pela IBM às áreas ligadas à pesquisa, o que rendeu à empresa 6 mil patentes nos EUA no ano passado.

METAS AMBICIOSAS

150

Número que a empresa planeja ter de doutores em atuação no seu primeiro centro de pesquisa do hemisfério sul, inaugurado este ano no Brasil.

Fontes: Capes e Consultores